

REVISTA N° 16
ANO 2 - 2012
JULHO

AURORA TOBREIRA

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!

GREVE GERAL DE 1917
MAIOR GREVE DO BRASIL

ÍNDICE

A Importância da Revolução Espanhola	3
Brasil em Chamas: Greve Geral de 1917	6
Anarco-capitalismo não existe!	8
Entrevista com Edgar Rodrigues	10
Livros digitalizados	12
A Filosofia do Anarquismo	13

Muitos esperam que uma "minoría ativa", de anarquistas organizados, assumam as tarefas que serão a base de uma suposta emancipação. Como se equivocam quem tem tais esperanças! Não será com um "partido anarquista" ou grupos similares protopartidários libertários que uma emancipação ocorre. É com um compromisso muito mais amplo, que começa em cada indivíduo que quer liberdade, dignidade e justiça e que de forma organizada se une a outros semelhantes, mas sem abandonar suas características próprias, e com suas diferenças, construir a base de um sociedade sem classes sociais. É muito além de uma "especifica minoría ativa" que cheira a um autoritarismo disfarçado de disciplina, inconcebível no meio de organizações anarquistas. Seja unido, não seja partido, sem patrias e nem patrões!

Na construção do comunismo libertário através de práticas anarquistas, saúde e anarquia!



AURORA OBREIRA

Barricada Libertária. iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido. sem religião. sem Estado.



AURORA OBREIRA

Número 16 - Julho 2012. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes.

Redação: Barricada Libertária

Colaboração: Fenikso Nigra e Ovelha Negra

Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 12.

Contatos:

Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@anarkio.net,

barriliber@riseup.net

Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net ou fenikso@anarkio.net

Barricada Libertária - LoBo

CP: 5005 - CEP: 13036-970 -

Campinas - São Paulo

<http://anarkio.net>



-Creative Commons: Ioj rezervitaj rajtoj

-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:

Copyleft: Liberacana Barikado - 2012;

-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;

-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo;

Por reprodukti, disvatigi, vi uzu egalan permeson;

-Vi vidu kompletan permeson:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode>



Em Julho, lembremos de todos os companheiros e companheiras que fizeram a revolução na Espanha. Este livreto foi traduzido para o português e está disponível em nosso sitio eletrônico: <http://anarkio.net>

Divulgue a revolução, faça-a ser parte de seu cotidiano! Saúde e anarquia!

Este folheto é dedicado a todas as pessoas que em sua vida puderam realizar a revolução pela qual tanto lutaram.

Desde os grandes nomes da militância libertária: Monteseny, Garcia Oliver, Durruti, Santillán... até os anônimos militantes da CNT e do resto do Movimento Libertário tem sua homenagem com estas páginas.

Não pode ser extenso como queríamos, nem com todos os textos pré-selecionados. Acreditamos que o interessado da Revolução Espanhola de 36 à 39 do século XX poderá encontrar uma enorme fonte de exemplos que uma vez por todas termine com a imagem de uma UTOPIA anarquista e veja a realidade que ocorreu em nossa terra.

A revolução não é uma coisa do passado, nem um bonito sonho. Quando o ser humano se encaminha a ela não faz com o animo de destruir, mas por uma construção do mundo novo que nos espera em cada momento. A geração de homens e mulheres que a realizaram não merecem o esquecimento.

O grupo editor(TEA-FAI). Setembro de 96



Brasil em Chamas: Greve Geral de 1917

Em 1917, a situação dos trabalhadores era precária e sem perspectiva de melhoras. Essa condição era igual para os imigrantes recém-chegados como para os que aqui já estavam. Os afrodescendentes foram abandonados a própria sorte e sem nenhuma indenização em 1888, após terem sido explorados gerações após gerações e produzirem quase toda a riqueza das elites brasileiras e portuguesas.

O governo federal republicano situado no Rio Janeiro, desde 1889, não tinha nenhuma consideração com a população. O assistencialismo, demagogia e hipocrisia política que vemos agora fartamente aplicada por administrações populistas, não existia no começo do século e os barões do café só tinham foco para a monocultura cafeeira e tudo que estivesse relacionado ao processo de exportação.

No plano internacional, os imperialismos capitalistas se chocavam em uma guerra em que milhões de pessoas perdiam a vida por interesses egoístas, que favoreciam apenas uma pequena parcela de poderosos e que se beneficiavam com o sangue que se derramava pelo mundo. No Brasil, os impactos foram sentidos na forma de desabastecimento de produtos simples e é o primeiro passo para uma industrialização pequena, para suprir as necessidades internas. Essa industrialização toma realmente tamanho e relevância somente após 1930.

Mas, nesse início fabril, algumas cidades já desenvolvem pequenos polos industriais, com uma mão-de-obra assalariada que formam os primeiros bairros

operários. São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santos, Campinas, Jundiaí, entre outras mostram crescimentos populacionais nesse período. Essa mão-de-obra é formada por trabalhadores, muitos imigrantes, que já tinham alguma experiência nas fábricas europeias. Tem-se a união e a organização dos trabalhadores, na forma principalmente de sindicatos e que buscavam, conforme a máxima de suas organizações, bem estar e liberdade. De forte influência anarquista, essas organizações entendiam ser a luta algo amplo e que visava, antes de tudo, a coletivização dos meios de produção e a distribuição das riquezas produzidas entre todos. Mas, tinham o entendimento, que essa luta é feita, sobretudo de forma direta e no dia a dia, através das pequenas reivindicações até que se atinja as condições amplas de uma grande greve geral seguida de uma reorganização social baseada em autogestão, sem políticos profissionais e sem burocracia estatal.

Essas organizações não foram aceitas pelos governos da República Velha, e uma repressão dura e continua foi feita, com milhares de prisões, deportações, exílios e assassinatos. A repressão foi tão intensa que milhares de sindicalistas foram levados para campos de concentração. Havia navios prisões que continuamente recebiam centenas de prisioneiros, navegando pelo litoral brasileiro com sua carga prisional.

Sedes construídas pelas organizações dos trabalhadores eram frequentemente invadidas e seus documentos confiscados ou simplesmente queimados pela policia. Não era diferente o tratamento dado as bibliotecas e educandários libertários. Devemos chamar atenção para que a educação dos trabalhadores era obra dos próprios trabalhadores, já que as instituições de ensino estavam nas mãos da igreja e tirando as poucas obras assistencialistas, era dirigida para a formação da classe dominante conservadora. Era nítida a diferença entre os grupos dominantes e dominados, não tinham nada em comum e nem a maioria dos trabalhadores tinham alguma ilusão de que algum dia seriam dominadores, exploradores ou opressores. Não havia controle ideológico dos oprimidos e nesse sentido, compartilhavam os mesmos problemas, viviam nos mesmos bairros, eram vizinhos e se identificavam entre si, criando as condições de sua união por bem estar e liberdade, nada mais e nada menos que isso.

Apesar de toda repressão apresentada nesse período, que foi uma das mais violentas de nossa história, até mais do que a ditadura militar de 64, e isso porque tudo que se referia aos trabalhadores simplesmente era tratado como caso de policia, como marcou a frase “a questão social é uma questão de policia”. Mas acima deste ambiente desfavorável para as organizações dos trabalhadores, havia

uma forte carestia no país, fruto da grande guerra que assolava a Europa e causava impactos em nossa economia. Com salários baixos e grandes alta de preços, a situação para os trabalhadores os impelia a uma ação e foi iniciada paralisações fabris por melhores condições de trabalho e de salários, dando forma as propostas de ação difundidas pela imprensa anarquista, operária que se mantinha apesar de toda repressão sofrida.

Foi o estopim da maior greve até hoje deflagrada pelos trabalhadores brasileiros. Não havia controle do Estado sobre as organizações dos trabalhadores, o que fez que pudessem organizar diretamente as lutas dos trabalhadores de forma a coordenar e articular entre profissões diferentes sua união e solidariedade, o que criou volume e corpo à uma grande onda de pressão a favor das reivindicações dos trabalhadores, como podemos constatar com os documentos e jornais produzidos no período de organizações como Confederação Operária Brasileira (COB), Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), Federação Operária de São Paulo, Federação Operária Mineira (FOM), das Ligas Operárias de várias cidades e bairros, etc. É considerada a maior por envolver diversas categorias e por ter parado inteiramente várias cidades do país, coisa que mesmo com as grandes “centrais” sindicais que temos hoje, não conseguem e nem desejam fazer, tal é o seu alinhamento com o capital e o Estado, triste herança do fascismo de Getúlio Vargas que se mantém.

O patronato, sentindo-se acuado pelas manifestações populares, solicitaram a intervenção policial contra os “desordeiros anarquistas” que atrapalhavam a ordem vigente e seu “sagrado lucro” e a sua “santa propriedade”, uma virgem digníssima canonizada pelo capitalismo global!

A intervenção policial veio na forma que lhe é peculiar: reprimindo e atacando a bala os focos grevistas, os comícios, fazendo vítimas entre ambas as partes. A morte do sapateiro José Iniguez Martinez em 9 de Julho de 1917 pela Força Publica (equivalente a atual Policia Militar) ampliou as paralisações e enfrentamentos em São Paulo, já completamente transformado em um grande campo de batalha.

A situação rumava a um levante popular e de uma magnitude que nunca vista pelas autoridades e classes dirigentes, que a fizeram aceitar os pontos reivindicativos dos manifestantes. Uma vez retornando a normalidade, o que foi visto e que temos acesso é que uma enorme retaliação ocorreu, com mais prisões, extradições dos “subversivos estrangeiros” e a edição de uma lei anti-anarquista que buscava de forma internacional, minar e caçar todas organizações

anarquistas e seus militantes. Foi imputada ao jornalista e militante anarquista Edgar Leuenroth a culpa pela greve, sendo único processo direto por essa greve. O que era um grande absurdo, já que era mérito de todos os trabalhadores tal movimento. Mas a intenção era gerar bodes expiatórios e exemplos para não haver mais levantes e insubordinações de tal envergadura.

Com o advento dos partidos políticos e sua obsessiva busca pelo poder estatal e cargos públicos, mesmo entre os mais radicais deles, mais a continua repressão ao movimento anarquista, reduz significativamente a participação anarquista nos meios sindicais e dos trabalhadores, causando um grande revés no movimento dos trabalhadores na busca de sua emancipação direta.

Mas a chama desse movimento se mantém viva, mostrando que a liberdade e emancipação é possível com a união direta de todos os trabalhadores, sem partidos, sem Estado, sem patrões.





A narco-capitalismo não existe!

Quando ouvimos e lemos materiais a respeito de um “anarquismo capitalista”, o único sentimento que surge a respeito é uma náusea enorme.

Se alguém viesse e dissesse que era um abolicionista-escravocrata, não haveria dúvidas que causaria espanto e que isso seria um grande equívoco, pois são termos conflitantes, opostos, que se anulam. O mesmo se aplica ao se expressar “anarco-capitalismo”. São termos contraditórios, opostos que não podem se manter juntos e que se anulam.

É uma confusão originada da forma que usamos o conceito liberal. Vemos com frequência o uso do termo liberal para expressar ações e práticas extremamente livres, sem nenhum tipo de compromisso, o que podemos entender como uma libertinagem e hedonismo. São termos existentes e que são comumente aplicados nesses casos, como o é o termo liberal.

Mas o conceito liberal, que é o real significado desse “anarco-capitalismo”, é uma forma agressiva de capitalismo que tende a negar o Estado quase que totalmente, colocando muita importância nas relações do mercado e sua capacidade de se autorregular, mediante as oscilações entre oferta e procura. Isso é a abertura completa da sociedade aos sabores das relações de mercado. É um conceito já existente e defendido por algumas escolas de economistas e aplicado por governos de nossa orbe. Um deles é o EUA, que usou esse discurso até a recente crise de 2009, onde teve que retroceder à intervenções do Estado para salvar grandes empresas que estavam a beira da falência.

Por isso, quando se usa o termo ou se diz ser “anarco-capitalista”, realmente está dizendo liberalismo e tudo que esteja vinculado a isso,

tanto em sua concepção clássica, como suas nuances mais atuais conceituadas como “neo liberalismo”, mas que são apenas variações da concepção original. O capitalismo é escravidão, opressão e exploração. Sua base é competição evolucionista onde só os mais espertos se mantêm, e sempre isso é as custas dos outros, não há nenhuma ilusão que o capitalismo deixa um rastro de miséria e destruição. Mesmo os discursos capitalistas mais equilibrados são impraticáveis, já que sua base fundamental é o lucro e o lucro sempre é fruto de um roubo e em alguns casos, de assassinatos e mortes. Esse é o seu fundamento, é a sua essência, não importa a máscara ou maquiagem, a morte é sempre sua expressão correlata.

Contra o capitalismo em todas as suas formas, surge o anarquismo que tem a proposta de abolir a propriedade, a herança, destruir as relações desiguais e conseqüentemente todas as classes sociais que aterrorizam a humanidade a milênios. Propõe a organização da sociedade de forma direta sem Estado, sem partidos, de forma horizontal e onde todos trabalham e suprem todas suas necessidades. É autogestionário e não tem nacionalidade, é contra as pátrias, as nações, contra a competição, usando da cooperativa como elemento de união dos seres. É o fim da exploração do ser humano pelo ser humano. Com então, dois termos antagônicos, serem unidos? Se alguém sugerir espuriamente que é um concepção dialética, temos que afirmar que nesse caso, o resultado de síntese chama-se, não “anarco-capitalismo”, mas demago-hipocrisia partidária, uma farsa e mentira que precisa ser denunciada e combatida.



ENTREVISTA DO COLETIVO C.R.A. DA VENEZUELA

Emilio Tesoro, meu velho conhecido desde quando viveu em São Paulo, Brasil, atualmente residindo na Venezuela, enviou-me um pequeno questionário muito significativo que vou responder refletidamente.

PERGUNTAS DE EMILIO TESORO RESPOSTAS DE EDGAR RODRIGUES

Pergunta 12

Antiguamente el obrero era el amo de la fábrica, del taller, de la hacienda rural, es decir, tenia gran influencia para conseguir mejoras, pero hoy el trabajador-productor está sometido a la máquina por su automatización y robotización, siendo que hoy el trabajador es el esclavo de la máquina. ¿Qué hacer para que revierta el poder del trabajador que ha perdido?

Resposta 12

O anarquista defende e propaga uma filosofia de vida capaz de realizar emocional e psiquicamente o EU do ser humano; esta é sua maior potencialidade para sensibilizar, oferecer ao homem a liberdade e a felicidade que busca há muitos séculos, melhor dito, desde que teve consciência de que tendo deveres, tinha direitos.

Nenhuma outra corrente política e/ou ideologia social se apóia em tão saudáveis princípios capazes de revelar todas as potencialidades intelectuais, artísticas e científicas. O que falta na anarquista é união, associação de esforços, solidariedade, respeito com seus companheiros de ideais e juntos, cada um fazendo o que pode e sabe, somando em vez de dividir, como acontece hoje em nosso meios. Certamente as “fugas” seriam menores.

Diz-se, faz muitos anos, que a união faz a força! E o que fazemos nós enquanto o capitalismo e o Estado se fortalecem em cima de nossas divergências?

“Buscamos inimigos” em nossas fileiras e/ou provocamos cisões, discussões, fracionando e enfraquecendo o pouco que as ditaduras e as guerras “nos deixaram”.

Nossas ferramentas para mim não precisam mudar, o que temos que rever com urgência é a nossa atuação diante dos poderosos organismos estatais, e a soberba anarquista. Se não formos capazes de jogar fora nosso orgulho gerador de “líderes” (muitas vezes inconscientemente até), de saberes academicistas, de etnias e...continuaremos desiguais anarquistas. Quando a maioria era de trabalhadores braçais, a igualdade também era visível entre os anarquistas. Ajuda mútua, a solidariedade e a união tinham consistência.

O anarquismo não é intelectual, acadêmico, operário braçal, francês, italiano, inglês, espanhol, português, brasileiro, venezuelano e/ou chinês, etc... Tampouco tem cor, sexo, raça.

Hoje mais do que ontem, percebe-se que os países de língua portuguesa e/ou que não dispõem de povos e movimentos bastante desenvolvidos, são ignorados pelos anarquistas dos países de mais tradição, tanto os militantes quanto sua imprensa, suas obras. E no entanto um homem vale um homem, para o anarquista o ser humano deve estar em primeiro plano!

Se conseguirmos associar todas as capacidades, cada uma com suas peculiaridades, as necessidades do dia-a-dia nos mostrarão o caminho.

Pergunta 13

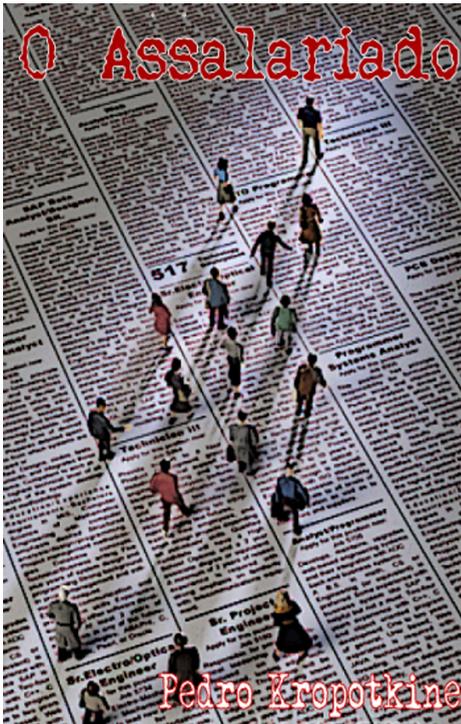
¿Si el trabajador ya no tiene influencia en la producción con que clase de gente puede contar el anarquismo para ir deserrrollándose dentro de la sociedad en que vivimos?

Resposta 13

O trabalhador foi sempre um subalterno ontem e hoje: o patronato via-o como uma peça descartável que jogava fora quando esta tinha sua produção reduzida. Tudo que lhe restava era a greve solidária.

Em nossos dias, para impedir reivindicações conseguiu leis e justiça trabalhista (invenção fascista), contratou homens de ciência que estudaram em livros que assalariados fizeram, nas universidades que os governantes pagam com dinheiro de impostos recolhidos sobre a produção, e encarregaram-nos de inventar robôs, máquinas cefalizadas e dispensar mão de obra.

Continua na próxima edição



O Assalariado - Pedro Kropotkin

"A sociedade que tome posse de toda a riqueza social e que decrete radicalmente que todos tenham direito a essa riqueza, qualquer que fosse sua participação na criação de tal riqueza, forçosamente teria de abandonar a ideia de assalariado, dos bônus de trabalho e da moeda."

Esta obra foi traduzida e está disponível em nosso site eletrônico:
<http://anarkio.net>

Mais informações, entre contato:
lobo@riseup.net , fenikso@anarkio.net

Fascismo - Filho Dileto da Igreja e do Capitalismo Maria Lacerda de Moura

Já está disponível, graças ao trabalho de digitalização de nossos companheiros, essa importante obra e que ajude a tod@s na compreensão e luta por emancipação. Aproveita-se a oportunidade para convidar a tod@s @s interessad@s em contribuir de qualquer forma na digitalização, tradução de outras obras, principalmente aquelas antigas e que precisam de uma reedição e principalmente para torna-las acessíveis de forma aberta a toda a sociedade. Acesse em <http://anarkio.net>



MARIA LACERDA DE MOURA

Herbert Read

A Filosofia

do

A

Anarquismo

A Filosofia do Anarquismo
- Herbert Read

Em Agosto estará disponível a tradução desse ensaio, fique com um trecho dessa obra.

"Ninguém acredita seriamente nas filosofias sociais do passado recente. Existem algumas pessoas, mas um número cada vez menor, que ainda acreditam que o marxismo, como um sistema econômico, oferece uma alternativa coerente ao capitalismo e o socialismo, de fato, triunfou em apenas

em um país. Mas não mudou a natureza servil da condição humana. O homem está em todo lugar ainda em cadeias. O motivo de sua atividade econômica permanece, e este motivo econômico conduz inevitavelmente às desigualdades sociais, as quais ele tinha esperança de escapar. Diante desta falha dupla, do capitalismo e do socialismo, o desespero das massas tomou forma com o fascismo – um movimento revolucionário, mas totalmente negativo, que visa a criação de uma organização egoísta de poder dentro do caos geral. Neste deserto político a maioria das pessoas estão perdidas, e se se não cedem ao desespero, eles recorrem à um mundo particular de oração. Mas outros persistem em acreditar que um mundo novo pode ser construído se nós abandonarmos os conceitos econômicos sobre os quais tanto o socialismo quanto o capitalismo se baseiam. Para concretizar esse novo mundo devemos preferir os valores de liberdade e igualdade acima de todos os outros valores --- acima de riqueza pessoal, poder técnico e nacionalismo. No passado, essa visão tem sido sustentada pelos maiores esclarecidos do mundo, mas seus seguidores foram uma minoria numericamente insignificante, especialmente na esfera política, onde a sua doutrina tem sido chamado de anarquismo."

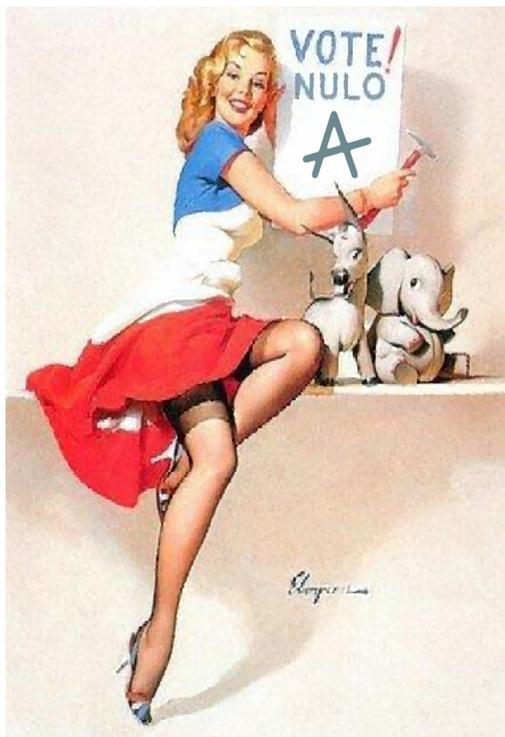
Mais informações: <http://anarkio.net>

Votamos nulo Por Política De outro jeito!

digite qualquer
numero sem cadastro
e confirma!!



Organização Autônoma
Sem Partidos, sem Patrões,
Sem Estado!



Informa Monata Bulteno

ANARKIO

Legu kaj disvastigu anarkiisman materialon! Por justeco kaj libereco en tuta mondo!



<http://http://anarkio.net/index.php/jxur>

OVELHAS NEGRAS ANARQUISMO

Na rede social, nos ajude a divulgar o anarquismo, prestigie a página, curta e vá para luta ...

<https://www.facebook.com/asovelhasnegras>

LIBERTE SUA MENTE!



Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net



ANARKiO.NET

ATÉ O FIM DE TODAS
CLASSES SOCIAIS